

AUTOBIOGRAFIA FICCIONAL EM ROMANCES BRASILEIROS

José Antonio SEGATTO
Maria Célia LEONEL
Universidade Estadual Paulista
segatto@fclar.unesp.br
mcleonel@fclar.unesp.br

Resumo: Nosso objetivo é apontar a permanência da tradição clássica em romances brasileiros contemporâneos, no que diz respeito ao modo como o subgênero escolhido – autobiografia de personagem de ficção – é estruturado nas obras, a despeito da atualização do subgênero e da composição literária. Os livros selecionados como *corpus* são: *Heranças* de Silviano Santiago (2008); *Leite derramado* de Chico Buarque (2009) e *Eu vos abraço, Milhões* de Moacyr Scliar (2010). Por meio do estudo comparativo de tais narrativas, busca-se verificar os recursos empregados pelos escritores para a composição da autobiografia que os aproximam de obras da tradição, em especial, a relação entre o comportamento social dos protagonistas e o processo histórico conforme representado nos romances. Nos livros mencionados, temos um narrador-protagonista que relata suas experiências de vida no século XX e nos primeiros anos do XXI. O vínculo entre a elaboração dessas personagens e a recriação do contexto sócio-histórico suscita algumas questões para a reflexão do leitor, principalmente, a dos nexos entre concepções de mundo, valores éticos, culturais e comportamentais – enfim a práxis social – e as circunstâncias políticas, sociais e econômicas. Os referenciais teóricos e históricos do trabalho são, fundamentalmente, W. Benjamin, A. Candido, G. Lukács, M. Bakhtin.

Palavras-chave: romance contemporâneo; personagem; autobiografia; tradição.

1 Proposições

Este trabalho tem como objetivo examinar semelhanças composicionais em pontos nucleares de três narrativas contemporâneas para, a partir de tal investigação, comparar, ainda que brevemente, essas obras com romances tradicionais no que diz respeito ao modo como o subgênero escolhido, a autobiografia ficcional, é construído. As obras contemporâneas selecionadas são: *Heranças* de Silviano Santiago de 2008, *Leite derramado* de Chico Buarque de 2009 e *Eu vos abraço, Milhões* de Moacyr Scliar de 2010. A questão colocou-se nos trabalhos anteriores sobre esses romances em que estavam em pauta, especialmente, a construção de autobiografia de personagens de ficção em *Heranças* e *Eu vos abraço, Milhões* (LEONEL; SEGATTO, 2012a) e a análise do tempo e do espaço em *Leite derramado* (LEONEL; SEGATTO, 2012b)¹. A realização dessas pesquisas mostrou forte vínculo entre as escolhas fundamentais dos três escritores: o subgênero narrativo da autobiografia de personagem de ficção e a relação entre a constituição da identidade da personagem e a representação de determinadas condições sócio-históricas do Brasil no século XX. Tais características guiaram a percepção de que as composições mencionadas fazem parte da tradição do romance brasileiro centrado na autobiografia da personagem de ficção

¹Tomamos livremente, neste texto, informações e análises desses dois capítulos.

como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *São Bernardo*.

Como é sabido, a narrativa contemporânea tem lançado mão com vigor desse antigo recurso literário que é a autobiografia de personagem ficcional. No que se refere à produção brasileira dos últimos oito anos, podemos lembrar, entre outros, além dos três livros selecionados como *corpus* deste trabalho, *Olho de rei* de Edgard Telles Ribeiro publicado em 2005 e *Ribamar* de José Castello de 2010. Embora todos os cinco romances recuperem a vida pregressa dos protagonistas, os três romances de que nos ocupamos e *Olho de rei* têm proximidade maior por contarem com narradores que, no final da existência, ao refazerem o percurso de sua vida, constituem a própria identidade. Todavia, nos livros que formam o *corpus* desta pesquisa, há integração mais visível entre a construção da identidade por meio da autobiografia e os momentos históricos recriados nos romances o que podemos também perceber em obras canônicas de nossa literatura como as mencionadas produções de Machado de Assis e Graciliano Ramos.

Inicialmente mostramos, nos três romances que constituem o objeto do trabalho, a ligação entre a elaboração da identidade dos protagonistas e a representação de períodos histórico-políticos do país relativamente aproximados e analisamos o modo como é feito tal liame. A comparação entre os resultados da análise de cada obra permite a verificação das semelhanças e diferenças nos recursos literários operados pelos autores ao explorarem estes componentes: identidade e representação histórica.

Nos livros selecionados para a pesquisa, temos, como centro, um protagonista-narrador que relata suas experiências de vida no século XX e nos primeiros anos do XXI: Valdo, personagem central de *Eu vos abraço*, *Milhões*, em Santo Ângelo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre; Walter, de *Heranças*, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro e Eulálio, de *Leite derramado*, também no Rio de Janeiro.

Vejam os sinopses da vida de cada um. O primeiro, após vivenciar momentos invulgares, num curto período (1929-31) no Rio de Janeiro, retorna ao sul onde se torna próspero empreendedor no ramo de energia elétrica, tendo existência trivial, sem grandes atribuições. O segundo, tendo contado com uma infância tranquila, torna-se um boa-vida na juventude e, a partir da herança familiar, faz fortuna na construção civil e, depois, no mercado financeiro, experimentando longo período de ventura econômica. O terceiro, nascido em berço esplêndido, descendente de família de empresários, tem infância e adolescência ditosas, mas passa a maior parte da existência no infortúnio e na insignificância.

Guardadas essas e outras diferenças, o elemento de afinidade ou analogia entre os três protagonistas-narradores, no presente da narração, embora tendo percursos diversos, é o fato de, além de estarem próximos do final da existência, serem homens brancos de algum modo ligados à burguesia: Valdo, empresário médio, mas estabilizado; Walter, empresário muito rico, e Eulálio, o descendente de empresários, vive na pobreza, mas supõe participar ainda da burguesia dado o afortunado passado da família.

Tais diferenças e tais semelhanças remetem-nos à questão da identidade, o que exige levantar proposições acerca desse conceito.

Ken Plummer (1996, p. 369), além de lembrar que tal palavra é derivada da raiz latina *idem*, que tem significado de igualdade e continuidade, destaca ser longa a história do termo, “[...] que examina a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade.” Para o autor (PLUMMER, 1966, p. 369), nas ciências sociais – diríamos nas ciências humanas – a reflexão sobre identidade tem duas orientações fundamentais, por ele nomeadas de “psicodinâmica” e “sociológica”. A linha psicodinâmica tem origem na teoria de Freud sobre identificação que “[...] enfatiza o cerne de uma estrutura psíquica como tendo uma identidade contínua (embora, em geral, conflitante).” Para Lichtenstein (apud PLUMMER, 1996, p. 369), tal estrutura constitui “[...] a capacidade de permanecer a mesma em meio a uma mudança constante.” O psico-historiador Erik Erikson (apud PLUMMER, 1996, p. 369)

foi quem melhor desenvolveu tal conceito, vendo a identidade como “[...] um processo ‘localizado’ no cerne de sua cultura comunal, um processo que estabelece, na verdade, a identidade dessas duas identidades.”

A análise das personagens dos romances em pauta leva-nos a considerar, primeiramente, a ideia de identidade como uma estrutura psíquica contínua, a despeito de determinadas modificações. Os protagonistas, sobretudo os de Silviano Santiago e Chico Buarque, possuem, de certa maneira, o que se poderia chamar de traços psíquicos centrais e contínuos: a ambição e a falta de escrúpulo em Walter e a debilidade e a ingenuidade em Eulálio que, tanto num como no outro, acentuam-se ao longo do tempo e, em Valdo, a rebeldia de juventude e o desejo de justiça, prematuramente reduzidos. Como se pode notar nos relatos, tais traços centrais do modo de ser ampliam-se em Walter e Eulálio e perdem ímpeto em Valdo, não simplesmente com o passar do tempo, mas pela possibilidade de adensamento ou propensão ao esvaziamento desse cerne que, a nosso ver, provém das condições sociais, políticas e econômicas do país – ou da história da nação – conforme estão representadas nos romances.

2 Construção de identidade em contexto propício

Walter Ramalho, de *Heranças*, sujeito obstinado e desprovido de integridade moral, ao longo da vida, utiliza-se não apenas de métodos ilícitos para ultrapassar os obstáculos contrapostos a seus desígnios, mas até do assassinato da irmã: “Depois que joguei Filinha [a irmã] para escanteio, a ambição não podia se limitar às margens de lucro métrico lineares [a loja de armarinhos herdada do pai].” (SANTIAGO, 2008, p. 134).

Ele mesmo, como narrador, além de contar as contravenções que comete, esparge no livro informações sobre sua personalidade adequadamente adjetivadas: “Se já não me qualificaram de **cabotino** [...]” (SANTIAGO, 2008, p. 16, grifo nosso); “Nessa [o fato de convencer, por diferentes meios, até com dinheiro, as diferentes namoradas a fazerem aborto] e alguma outra matéria, não sou definitivamente uma pessoa de bem. Em desespero, posso ter – e tenho tido – raciocínios e atitudes de **canalha**.” (SANTIAGO, 2008, p. 22, grifo nosso). E ainda: “A alavanca do pessimismo [sentimental] não era o excesso de poder e a falta de amor e, sim, o **cinismo juvenil**.” (SANTIAGO, 2008, p. 178, grifo nosso). Ao relatar a preparação do motorista que deveria posar de *playboy* em viagens com documentos – “segredos financeiros” – que não poderiam ser apreendidos, utilizando, para tanto, carro Mercedes-Benz, bolsa Adidas com fundo falso, “enxoval de milionário”, escreve: “Associados ao carro luxuoso e às praias do Rio, vestimentas e apetrechos desportivos importados iludiriam o agente rodoviário insensível ao excesso de coerência, típico de **trapaceiro profissional**.” (SANTIAGO, 2008, p. 183, grifo nosso). Quando narra o envolvimento com a filha de um “ex-dono de terra mineiro, falido”, diz: “Encontrava terra virgem, onde lavrar minha lábria de conquistador **inveterado e canalha**.” (SANTIAGO, 2008, p. 195, grifo nosso). Em seguida, contando o momento de fazê-la aceitar o aborto, descreve o trio: “Filha encantadora, pai falido e namorado **velhaco**.” (SANTIAGO, 2008, p. 195, grifo nosso).

Naturalmente, ao leitor cabe desconfiar do que diz esse narrador que tanto se deprecia. No entanto, a ascensão na escala sócio-econômica, ou melhor, econômica e social, de certo modo rápida e, sem dúvida, radical deve-se ao arguto aproveitamento das mudanças políticas e econômicas no país. Tendo, após o assassinato da irmã na década de 1950, herdado a loja de Armarinhos São José, vende o estabelecimento na década de 1970 e volta-se para a indústria de construção civil e o ramo imobiliário, então em pleno vigor, graças à política do **milagre** econômico da ditadura militar. Mais tarde, toma o caminho que se apresenta mais favorável no contexto do país após a ditadura: a especulação no mercado de capitais; multiplica assim a fortuna, vira milionário.

Podemos notar, na síntese da história da personagem, como sua ambição – ou, digamos, a realização dela – foi favorecida e mesmo impulsionada pelas diferentes fases econômicas por que passou o país, conforme sua representação no relato. O ótimo proveito do crescente mercado e das condições proporcionadas pelo regime ditatorial para a indústria de construção civil não é realização de uma personalidade qualquer, ao acaso, mas do desejo premente de ascensão do protagonista. Do mesmo modo, aproveitou a ampliação dos negócios na Bolsa de Valores para atingir ganhos talvez inimagináveis em outro momento da história econômica nesse tipo de atividade.

Walter expressa, em suas memórias, práticas e juízos de valor típicos da camada social a que ascende, a dos novos-ricos. É provável que seja derivada disso a solidão em que vive na maior parte do tempo, em especial quando, doente, no final da vida, escreve suas memórias.

Marx (2004, p. 157 e seguintes) observou como os efeitos da ação adulteradora do dinheiro sobre o ser social, suas reações e consciência, foram artisticamente registrados nas obras de grandes escritores como Shakespeare, Goethe, Cervantes, Balzac, Stendhal. Tendo como premissa tal constatação, Leandro Konder (2002, p. 46) diz que, no capitalismo, “[...] o dinheiro passa a ser encarado como um poder capaz de substituir todos os valores, ocupando o lugar deles.”

Os valores medidos em cifrões claramente levam Walter Ramalho a realizar tal substituição. A anulação do princípio de dever, “o apagamento das virtudes”, tornaram-no, como dizem Mello e Novaes (2009, p. 102) sobre esse tipo de indivíduo, “[...] uma espécie de homem que passa a vida calculando quantidades de prazer e dor, à procura de níveis mais altos de felicidade pessoal”, dependente da “disciplina mecânica imposta pelo dinheiro.”

Werner Sombart (1973, p. 312-313), em “O homem econômico”, discute as mudanças na mentalidade econômica dos séculos XIX e XX, classificando os empresários do século XX em alguns tipos. O importante, para nosso escopo, é a menção do autor à valorização do lucro entre os traços comuns a tais tipos: “[...] o empresário *deseja* realizar negócios prósperos e para isso se vê *obrigado* a perseguir o lucro [...]” (SOMBART, 1973, p. 315, grifo do autor).

Entretanto, diz também o estudioso, não é o incentivo do lucro que move o empresário, mas o interesse por sua empresa. Ainda que tenhamos que considerar que Sombart trata do empresário europeu e norte-americano, vale observar que Walter Ramalho quer simplesmente ascender econômica e socialmente, não cabendo nos tipos relacionados pelo autor e, não tendo vínculo com a empresa (loja, construção civil), desfaz-se dela sem mais delongas. Para ele, cabe uma afirmação de Sombart que se escuda numa citação: o perfeito homem de negócios é aquele cujo “[...] segredo de seu triunfo se explica simplesmente por um desapego total a todo escrúpulo.” (IOLLES apud SOMBART, 1973, p. 326).

É oportuno lembrar, para ter-se um perfil mais completo do protagonista, que ele narra também as peripécias de sua ativa e impetuosa vida sexual e vangloria-se disso. Dada sua “mediocre e frustrante formação educacional” (SANTIAGO, 2008, p. 114) – pois não conseguiu ser aprovado no vestibular (tentou 3 vezes) – para transformar “o impetuoso e desastrado adolescente” em “engenhoso fornicador milionário” e relacionar-se com as “mocinhas casadoiras” (jamais se casaria) exibia descaradamente suas posses. Sobre esse fato, escreve: “De passagem, informo que pouco ou nada me preocupava a indigência ética do reclame. [...] Preocupava-me mais a indigência educacional do candidato ao coração das moças da boa sociedade belo-horizontina. Espírito de ganhão, moral de comerciante.” (SANTIAGO, 2008, p. 114). As moças bonitas e com “beleza intelectual” tornaram-se seu alvo: “[A libido] Trazia, de quebra, a instrução proporcionada pela mulher jovem e bela e, de contrapeso, o equilíbrio social pelo pseudo-aburguesamento do *parvenu*. [...] dá cá a donzela e sua sapiência, toma lá a grana.” (SANTIAGO, 2008, p. 121).

Assim, o protagonista consegue relacionar-se com moças da **sociedade** de Belo

Horizonte, liberando a sexualidade e, ao mesmo tempo, além de participar da burguesia, aproveita delas as lições de “*traquejo*”. Com esse termo, refere-se não apenas “às boas maneiras e à obediência às regras de etiqueta”, mas, sobretudo, à “[...] capacidade de articular achados e observações interessantes e originais em pensamentos e ideias, que bajulam e conquistam a mente alheia.” (SANTIAGO, 2008, p. 116). Afasta-se, nesse ponto, do conhecido conselho do pai do protagonista machadiano, por nutrir tal “traquejo” com o conhecimento e a inteligência de que dispunham as várias namoradas. Nunca assumiu com elas compromisso como ter filho – pelo contrário, relata vários momentos em que as induz ao aborto – ou casar-se.

Tal circunstância remete-nos a Sombart (1973, p. 323) que trata também da relação do homem econômico moderno com as mulheres. Sem tempo para o cortejo, não são capazes de grandes paixões amorosas e a vida sentimental torna-se apática ou envolve apenas prazeres sensuais. O caso de Walter Ramalho vai muito além dessa limitação: ele explora as mulheres com quem se envolve, de forma não explícita, mas cruel – uma delas chega perto do suicídio –, com dinheiro e lãbia.

Walter é um caso típico do indivíduo que, privado de nobres ideais, tem a existência condicionada pelo dinheiro. O vácuo de valores humanos é preenchido por opções individuais que geram tensões próprias da competição desenfreada e isolamento (KONDER, 2000, p. 93). Para superar a solidão, necessita da sociabilidade, mas manipula o outro para vencer na vida. Isso tem implicações várias, entre elas, a de que o cálculo mistura-se ao afeto (KONDER, 2000, p. 29).

O papel do protagonista como narrador leva-nos também a considerar as relações entre a construção da identidade e o desejo de relatar a vida. Walter, o cabotino (como confiar em suas palavras, ainda que próximo da morte?), diz que é para entender-se que escreve. Entre as muitas e muitas vezes que se dirige ao leitor – cuja forma quer imitar o narrador machadiano – temos:

Só me interessam – possível leitor destas páginas – os atos de vida que não cheguei a compreender e os acontecimentos que permanecem como incógnita. [...] Pela correspondência entre os dados decifrados de episódio vivido e as criptografias dum outro e pelo jogo entre o incompreensível e o já solucionado e assimilado pela consciência, é que irei destrinchar minha experiência de vida para melhor comunicá-la a você, que porventura venha a se interessar por ela. (SANTIAGO, 2008, p. 16).

O trecho pode levar o leitor à suposição de que está frente a um novo Paulo Honório a querer compreender os motivos do suicídio da mulher e da solidão no momento em que escreve suas memórias. Todavia, na maior parte do romance, o que parece que Walter Ramalho não entende são os motivos pelos quais uma ex-namorada, advogada rica, deixou-o fora do testamento ou por que ele se apaixonou por Marta que o usou para não ser presa e o traiu. Paulo Honório questiona seu próprio modo de ser; Walter Ramalho, o dos outros, ou das outras. Porém, a escritura das memórias pelo protagonista de *Heranças*, conforme ele mesmo informa, deriva da necessidade de confrontar-se com o fratricídio que lhe proporcionou o começo da escalada rumo à riqueza. É esse fato que o impele, na velhice e com a proximidade da morte, a narrar a sua vida e a escolher, como herdeiro para a fortuna criminalmente iniciada, o ex-cunhado, pipoqueiro, um tanto corcunda, que ele mesmo afastou da irmã ao assassiná-la. Há, portanto, o desejo de reparação. Embora remorso não entre em jogo no livro, nota-se certa distância entre o romance de Silviano Santiago e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, visível êmulo do autor. Se ambos os protagonistas vangloriam-se de não ter tido filhos, o de *Heranças* faz algo inesperado relativamente ao perfil acanhado construído ao longo da narração. Contudo, considere-se, Brás Cubas não chegou a ser assassino.

Ao rememorar o passado – no computador como faz questão de frisar várias vezes – Walter Ramalho, com a saúde muito abalada e na condição de velho que já não tem o controle do corpo, pergunta-se:

Para que recriei o passado de comerciante, construtor civil, empresário imobiliário e financista? Teria sido só para anunciar a todos os detratores que, em virtude das circunstâncias, estaria jogando no oceano da desesperança a possibilidade de crepúsculo e de aurora para o capital acumulado? (SANTIAGO, 2008, p. 365).

O que se lê na página seguinte não deixa dúvida sobre a decisão tomada, que é deixar a herança para Vitorino – o ex-pipoqueiro que, ao que tudo indica, amava Filinha e por quem era amado –, o que exige a difícil tarefa de localizá-lo após tantas décadas, obstáculo que o protagonista vence como sempre.

A personagem central de *Heranças* considera mesmo esse ato como símbolo do ápice de seu percurso de empreendedor:

Quando a sucessão de fatos ganha forma e se adianta à intenção do homem, arredondando-se pelo poder da fatalidade, quando o destino proposto pelos fatos se deixa moldar e existir pela vontade do realizador e chega ao outro como algo de concreto, a realidade ganha significado surpreendente. [...] O livro santo fora escrito pela sucessão de fatos que se assemelhavam ao acontecimento que eu, por exigência da fatalidade e do destino, armava para o bem de Vitorino. (SANTIAGO, 2008, p. 380).

Vale ressaltar ainda uma característica fundamental da escrita de Walter que chama mais a atenção ao ser comparada à maneira de Eulálio, o protagonista de *Leite derramado*, contar sua vida. Na maior parte do relato, a geografia dos lugares é descrita com precisão, sem nenhum arroubo subjetivo. A indicação dos trajetos da personagem serve mesmo de guia seguro a quem por ventura deseja saber como eram os itinerários belo-horizontinos na época em pauta. Da mesma forma, descreve o que vê da cobertura em que passa a morar, na década de 1980, no edifício que constrói no terreno em que ficava a casa paterna:

Da amurada lateral direita da cobertura, podia-se ver a Belo Horizonte dos primeiros funcionários públicos. As ruas do perímetro urbano se cruzavam em ângulo de 90 graus. A cortá-las, em quase 45 graus, estavam as avenidas Afonso Pena e Amazonas. Contra o horizonte, destacava-se o amontoado de arranha-céus do centro da cidade. (SANTIAGO, 2008, p. 35).

A longa descrição cuja citação interrompemos, revela também o que observa pela amurada da frente, de tal maneira que se tem uma visão quase completa da cidade contemplada do alto. É desse modo, como observador distante, que o protagonista mostra os espaços. No entanto, ao pressentir o final da vida, frente ao tribunal particular, já que burlara o da justiça, o *modus operandi* muda um pouco e a visão do mar traz laivos de subjetividade:

Aqui à beira-mar, diante da imensidão infinita do horizonte atlântico, entrego-me finalmente ao tribunal da consciência.

[...]

Através das janelas envidraçadas do apartamento, investigo o movimento cadenciado das ondas no oceano, que se amainam pela manhã. A brisa marítima galopa nas folhas das amendoeiras e nas palmas. Sinto-a pelos olhos, não a sinto na pele. [...] O oceano calmo e acinzentado contrasta com

o gingado carnavalesco das árvores e o fluxo em retas paralelas dos automóveis. Só o tapete de areia dourada permanece tranquilo e solitário, semelhante ao gramado das pradarias inglesas. (SANTIAGO, 2008, p. 107-108).

É como se, no momento de relatar o desejo e o ato de reparação, certo relaxamento da tenacidade permitisse o emergir da subjetividade. Se o ato de narrar a vida tem o intuito de expiar a culpa pelo fratricídio, não parece que isso o incomodou muito enquanto, obstinadamente, realizava a vontade de enriquecer a qualquer preço.

3 Construção de identidade em contexto adverso

Eulálio, narrador-protagonista centenário de *Leite derramado*, originário de família da fina-flor da elite brasileira do Império e da Primeira República, apresenta como traço central de seu modo de ser a falta de energia acompanhada de ingenuidade. Tais características contrastam vivamente, de um lado, com as de seus antepassados e, de outro, com as do protagonista de *Heranças*. Seu percurso existencial e o da família – da riqueza e da ostentação à pobreza –, por ele reconstituído, compõe a saga dos Assumpção. A ascensão faz-se por meio do ativismo dos antecedentes e a decadência, da inépcia do protagonista; nas duas direções, crescente e decrescente, os acontecimentos são incrementados ou possibilitados pela junção entre o modo de ser das personagens e as diferentes condições sócio-históricas nacionais. Cada antepassado, representante de uma determinada geração, liga-se ao poder, conforme o regime político e os ares da economia.

O trisavô teria chegado ao Brasil com a família real (1808), não como um acompanhante qualquer da corte na viagem ultramarina, mas como “confidente de dona Maria Louca” (BUARQUE, 2009, p. 50). O bisavô fez fortuna como traficante de escravos e recebeu, de D. Pedro I, o título de barão dos Arcos. O avô, por sua vez, protagonista de outro momento da vida do país como “figurante do Império”, salientou-se como abolicionista, foi “comensal” de Pedro II, “possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo” (BUARQUE, 2009, p. 15) e multiplicou a riqueza familiar.

Em novos tempos, o pai foi “um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes” (BUARQUE, 2009, p. 52). Influente nos círculos de poder,

[...] intermediava comércio de café. Tinha negócios [escusos] com armeiros da França, amigos graúdos em Paris, e na virada do século, ainda muito jovem, fez sociedade com empresários ingleses. Espírito prático, foi parceiro dos ingleses na Manaus Harbour [...]” (BUARQUE, 2009, p. 52),

ou seja, recebeu concessão para explorar o porto de Manaus.

O assassinato do pai marca o fim da linha ascendente da família e é também o início da decadência. Os negócios passam a enfrentar todo tipo de adversidade; a crise, desencadeada com a queda da bolsa de Nova York em 1929, não só interrompeu as exportações de café como aniquilou quase toda a fortuna da família.

Não obstante manter ilusões de que o nome e o *status* familiar anterior seriam suficientes para o gozo e a manutenção de privilégios, Eulálio, aos poucos, toma consciência da nova situação em que as antigas influências se esvaíam. O curso do depauperamento é, a partir desses anos, progressivo e acompanhado por desventuras outras, como a dissipação do patrimônio que, sem meios de reprodução, vai-se acabando. A adversidade da família é linear e gradativa: os descendentes – filha, neto, bisneto – são, em geral, estéreis, ociosos, parasitas. O tataraneto é ativo traficante de entorpecentes.

Do palacete em Botafogo e do chalé em Copacabana, passando pelo apartamento

exíguo na Tijuca, a personagem termina os dias numa casa de um só cômodo na periferia. Riqueza, poder, privilégios, luxo são ou deveriam ser reminiscências remotas. Todavia, apesar de ser o fim da linha dos Assumpção, Eulálio não perde a pose de classe que o identifica. Mesmo arruinado, procura, todo o tempo, demarcar sua superioridade face aos subalternos por meio da reafirmação, unilateral, de valores culturais que se revelam no comportamento como garantia da manutenção e reprodução de privilégios classistas.

Isso fica evidenciado no relacionamento com os empregados – enquanto, bem ou mal, podia manter o *status* de patrão –, tratados com menosprezo, especialmente quando negros ou mestiços. O mesmo tipo de tratamento era reservado a outros profissionais que considerava subalternos. Relaciona-se com eles com ar senhorial – o que provoca situações cômicas – como se devessem permanecer na condição de subserviência, pois, para ele, nasceram para servir os mais abastados ou favorecidos. Trata-se, de fato, de uma forma comportamental que busca – ou supõe – perpetuar determinados padrões de relações do passado escravocrata que acabaram fazendo parte da constituição da identidade da burguesia brasileira. O protagonista externa conduta típica de setores decadentes da elite, que procuram manter privilégios e prestígio social, alicerçados no poder econômico e político de um passado bem-aventurado.

Mesmo que esses valores e formas de comportamento sejam aparentes, eles tiveram, ao longo do tempo e em determinados espaços sociais, a função precípua de distinguir castas e estamentos, classes e camadas sociais e conferir condição de superioridade a grupos, famílias e indivíduos, visando manter certos elementos de distinção, prerrogativas e vantagens.

É à permanência desse modo de identificar-se que se deve, entre outros, episódios como o que segue. Estando no que qualifica como “hospital infecto”, Eulálio emite o lamento: “Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço.” (BUARQUE, 2009, p. 50). Lembra que nem tem mais roupa para sair de casa:

Do meu último passeio, só me lembro por causa de uma desavença com um chofer de praça. Ele não queria me esperar meia horinha em frente ao cemitério São João Batista, e como se dirigisse a mim de forma rude, perdi a cabeça e alcei a voz, escute aqui, senhor, eu sou bisneto do barão dos Arcos. Aí ele me mandou tomar no cu mais o barão, desaforo que nem lhe posso censurar. [...] Agi como um esnobe, que como vocês devem saber, significa indivíduo sem nobreza. (BUARQUE, 2009, p. 50).

A comicidade da situação é aumentada pela afirmativa final que indica ter ele apenas reagido momentaneamente como esnobe, mas não ser isso, por não ser “indivíduo sem nobreza”.

A par do itinerário descendente da vida familiar, o protagonista narra o casamento precoce com Matilde, adolescente voluptuosa, mulata e filha bastarda de um deputado correligionário de seu pai. O casamento – de curta duração, ensombrecido pelas diferenças de classe e os ciúmes doentios do protagonista – acaba com o inexplicável desaparecimento da jovem esposa.

Único impulso forte que tem Eulálio é o desejo por Matilde – seria esse componente identitário do protagonista resquício do traço atribuído aos proprietários portugueses: a atração por mulatas? – que leva ao casamento com ela a despeito da resistência da mãe. As características de Matilde, de certa forma, coincidem com aquelas das personagens femininas mulatas de nossa literatura estudadas por Teófilo de Queiroz Júnior (1975) em *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*: a beleza, a extroversão, a sensualidade – com que tem a ver a desenvoltura na dança. Quase se diria que Matilde se aproxima de Rita Baiana, ou seja, serve para a relação sexual, mas não para casar, como conclui Queiroz Júnior (1975) em relação às personagens mulatas de que trata.

Preconceitos de vária ordem – de classe, de cor, contra nordestinos (sobre ricos “homens gargalhantes”, escreve na p. 58: “É essa gente do Norte, costumava dizer meu pai [...]” (BUARQUE, 2009)) – compõem a identidade de Eulálio e a da família. Justamente o fato de apaixonar-se desmedidamente por uma mulata é o traço que completa a identidade do brasileiro branco, português ou descendente de portugueses, de acordo com o imaginário nacional.

Retomando a história de Eulálio, apresentada aos leitores aos trancos e barrancos, o marido abandonado pela mulher passa o resto da vida martirizado, sem conseguir entender o que aconteceu. Centenário, confinado no hospital, elabora sua autobiografia, contando – às vezes para a(s) enfermeira(s), às vezes para a filha ou até para o médico ou para si mesmo – os acontecimentos de sua vida. Assim, fazendo a autobiografia, constrói sua identidade por meio do relato do passado que caminha num vaivém de incongruências, anacronias, repetições. Os motivos para o desaparecimento de Matilde variam muitíssimo conforme diferentes passagens do romance. É exatamente o oposto da escrita que se quer ordenada, objetiva e clara de Walter Ramalho. A maneira de compor as respectivas autobiografias imitam o modo de ser dos dois protagonistas, opondo-se o cálculo e a inépcia.

4 Identidade e contexto: aproximações efetivas

O protagonista do livro de Moacyr Scliar, de origem modesta, filho de capataz de estância, passa a adolescência revoltado com a postura do pai, humilhado pelo patrão tirânico e cruel. Sua vida sofre reviravolta quando, casualmente, em fins da década de vinte do século passado, conhece Geninho – filho de sua professora –, comunista que se torna seu guia ideológico. A revolta com a condição do pai é aumentada com as orientações do militante do Partido Comunista Brasileiro e com a leitura do Manifesto do Partido.

A pedido do amigo Geninho – perto da morte prematura dele – Valdo vai para o Rio de Janeiro à procura do dirigente comunista Astrojildo Pereira para que este o transforme em quadro político do PCB e dirigente do proletariado na revolução socialista. Viaja num vagão de carga, presumindo um destino revolucionário. No vagão, conhece a jovem Chica com quem se inicia na vida sexual e por quem se apaixona perdidamente. Supõe que, no Rio de Janeiro, invadiria o palácio do Catete e levaria ao triunfo o comunismo no Brasil.

Já na capital da República, vive uma série de aventuras e desventuras. Faz contato com o PCB, mas não ingressa em suas fileiras e tampouco consegue aproximação com o líder comunista que estava em Moscou. Enquanto espera por sua volta, trabalha nas obras de construção do Cristo Redentor, tornando-se, por ironia, agente partícipe do grandioso monumento de devoção da Igreja Católica, justamente ele que se julgava ateu e para quem a religião era o “ópio do povo”.

Quando recebe a notícia do regresso de Astrojildo Pereira, além de não conseguir estabelecer o tão esperado contato, é informado de que o líder caíra em desgraça e fora afastado da direção do Partido. Fica ainda mais desapontado ao saber que o grande homem, que imaginava como Stalin, estava escrevendo artigos de crítica literária para a “imprensa burguesa”, principalmente sobre o reacionário Machado de Assis. Além disso, o que era pior, tornara-se vendedor de bananas para sobreviver (SCLIAR, 2010, p. 222-224).

Para agravar ainda mais as adversidades de Valdo, ele é atropelado, permanecendo por longo tempo inativo num hospital para indigentes. Desencantado com o comunismo – a que, de fato, nunca se ligou – muda-se para Porto Alegre, onde se casa com Chica e, passando a dedicar-se ao ofício que aprendera no Rio de Janeiro, o de eletricitista, chega a empresário bem sucedido: “Abri uma empresa que cresceu muito, ganhei dinheiro. Não enriqueci, mas sempre tive o suficiente para viver bem.” (SCLIAR, 2010, p. 243).

Com a desilusão, perde o gosto pela política e vê diminuído o desejo de evitar as

iniquidades sociais – “Acompanhava a luta dos comunistas pelos jornais.” (SCLIAR, 2010, p. 246). De vez em quando, colabora com algum político ou partido, porém, “[...] por puro interesse: negócio é negócio. Eu queria estar bem com o governo, de esquerda, de direita, de centro; prestava serviços para órgãos públicos, precisava daquilo para ir tocando a empresa.” (SCLIAR, 2010, p. 247).

Embora desencantado – “tenho mais saudades do que rancores” (SCLIAR, 2010, p. 246) –, não se considera um anticomunista ressentido ou um renegado, pelo contrário, mantém na memória boas lembranças “[...] da visão dos comunistas que me animava, a visão de um mundo justo, igualitário.” (SCLIAR, 2010, p. 246).

A atitude resignada é acompanhada de palavras e práticas contaminadas pelo clientelismo e pelo fisiologismo – apoio a qualquer governo, seja quais forem suas concepções e ações, troca de favores com políticos e/ou governantes, para conseguir compensações. Portanto, ao mesmo tempo que preserva vaga saudade do projeto igualitário, reproduz, em sua práxis, o que há de mais perverso na cultura política brasileira².

A autobiografia de Valdo – que permite a reconstrução de sua identidade – chega ao leitor com o propósito de ser uma carta, rememorando suas experiências, em resposta a pedido do neto norte-americano. Menciona os problemas físicos que o afligem no momento da escritura da autobiografia: “Poderia ser mais feliz, se não tivesse essas dores pelo corpo, se escutasse melhor, se enxergasse melhor... se urinasse melhor já seria uma coisa muito boa.” (SCLIAR, 2010, p. 10).

De todo modo, na construção um tanto precária – no que diz respeito à identidade psico-ideológica – do protagonista em *Eu vos abraço, Milhões*, na parte que importa da vida da personagem, há o que Agnes Heller (1983, p. 93), em “Experiência cotidiana e filosofia” de *A filosofia radical*, chama de “valores-guia morais” – coragem, honestidade, justiça e amizade. Nas personagens centrais dos dois livros anteriormente analisados esses mesmos valores estão em jogo, mas, pelo avesso.

5 Identidade e contexto: semelhanças e diferenças

No que se refere às semelhanças, os três livros analisados, além de empregarem o mesmo procedimento narrativo – autobiografia de personagem de ficção – apresentam, como protagonistas-narradores, homens com bastante experiência de vida, idosos e doentes. Se tais personagens não estão no leito de morte, encontram-se próximo dele, como também o protagonista de *Olho de rei* de Edgard Telles Ribeiro (2005).

Em estudo sobre autobiografia convencional, Miraux (2009, p. 34) escreve que a mais autêntica é aquela do escritor moribundo em que o sujeito do enunciado encontra, no diário, o sujeito da enunciação. Embora nos relatos de que tratamos não tenhamos diário, mas, claramente, memórias, ainda que sob roupagens de carta em Valdo, de relato oral em Eulálio, podemos dizer que o sujeito do enunciado encontra o da enunciação nessas autobiografias fictícias.

Se os narradores dos romances que analisamos, possuem ou deveriam possuir, portanto – como os narradores machadianos, D. Casmurro e Brás Cubas, um, na velhice, e outro, depois da morte – a autoridade própria de doentes terminais, não há nada em comum entre eles e os narradores prezados por Walter Benjamin (1985) no que se refere à possibilidade de transmissão de conhecimento, pois os protagonistas machadianos e aqueles

²Fernando Henrique Cardoso (1972, p. 175-176), ao analisar o comportamento dos industriais brasileiros nos anos 1950/60, conclui que “[...] a única forma possível de ação política que se apresenta aos industriais [...] consiste na participação pessoal no jogo de compromissos que a política de tipo patrimonialista ainda dominante oferece aos que têm recursos para arcar com o ônus do clientelismo político.” Essa constatação, cremos, serve também para empresários, como é o caso da personagem Valdo e também de Walter.

aqui analisados são típicos narradores de romance e não de narrativa oral em que cabem conselhos e ensinamentos derivados da experiência. O que temos em Machado de Assis e nos romancistas contemporâneos em pauta é o ensejo de apresentarem-se narradores que não têm nada a perder por estarem no final da vida – ou depois dela –, podendo o leitor, teoricamente, contar com a autenticidade da identidade que constroem. Certamente, o leitor precavido, apesar disso, trata de não confiar de forma plena no que lê, em especial no que dizem Eulálio – dadas a ingenuidade e fragilidade que levam ao vaivém e às contradições do relato – e Walter que, a despeito do cinismo e da canalhice que o identificam, quer, com a escrita de sua vida e a exposição de sua atitude, ter alguma diminuição na responsabilidade pelo crime cometido.

Temos, portanto, como semelhança, o fato de os três romances serem autobiografia de personagem de ficção que detém a condição de moribunda e alguma autoridade que lhe é própria o que reafirma a tradição machadiana quanto a esse tipo de produção.

Também, como típicos narradores de romance, os sujeitos dos livros de que tratamos vivenciam a higienização da morte mencionada por Benjamin (1985, p. 207), que afasta a possibilidade de a voz de autoridade ser ouvida por muitos. Valdo encontra-se numa casa para idosos. Walter, ainda que esteja vivendo no “quarto dos últimos anos, deitado na cama” (SANTIAGO, 2008, p. 359) do próprio apartamento, sua morte não provocará nenhuma movimentação familiar ou social. Não mantém relações com parentes nem com amigos e cuidara já de pagar a funerária para encaixotar-lhe o corpo, para ter a cova e para o enterro no cemitério de São João Batista.

O centenário Eulálio também está num hospital; embora o local seja por ele considerado “infecto”, tal espaço pode permitir a morte longe dos poucos parentes que lhe restam e dos olhares dos vizinhos do cômodo em que afirma estar vivendo.

Já no que se refere às histórias, as autobiografias são dessemelhantes e cada um dos três escritores fixa-se em diferentes passagens da vida do protagonista. Valdo rememora um momento do passado em que tinha esperança de criação de uma sociedade liberta de injustiças; Walter evoca experiências e atos relativos, sobretudo, à conquista de ascensão e destaca o valor da ordem que reproduz as diferenças sociais. Já as memórias de Eulálio, naturalmente também governadas pelo passado, prendem-se à nostalgia de um tempo pregresso e sem volta.

Um ponto de convergência entre as três narrativas é, não apenas a presença clara de diferenças sociais, mas o fato de que tais diferenças constituem o móvel das narrativas, tenha sido ou não tal condição intenção precípua dos autores. A família de Walter Ramalho pertencia às camadas médias, mas ele ascende bastante econômica e socialmente. A de Eulálio fazia parte da alta burguesia, mas, na maturidade, ou mesmo antes disso, ele é alijado dela e é contra a burguesia que Valdo se revolta ao ver o pai humilhado pelo dono da fazenda de que era empregado, porém, posteriormente, torna-se um tipo de burguês. Assim, é possível considerar que, de certo modo, o centro das histórias é a burguesia: os efeitos danosos da queda da família de Eulálio dessa classe social; o desejo de a ela pertencer movendo Walter Ramalho ao opróbrio e o desejo de evitar as diferenças sociais, mobilizador da aventura da juventude de Valdo.

São, portanto, construídos três protagonistas que representam tipos humanos distintos, mas cuja elaboração mostra o que diz Stuart Hall (1996) em conhecido estudo sobre identidade: de acordo com a concepção de identidade derivada do pensamento psicanalítico, ela não é inata, forma-se com o tempo. Além disso, tomando-se a definição de sujeito de John Locke (apud HALL, 1996, p. 7) como tendo a “mesmidade (*sameness*) de um ser racional”, podemos considerar que tanto Walter Ramalho quanto Eulálio mantêm o traço essencial que os identifica: a ambição desmedida de um e a fraqueza de outro. No meio deles, temos Valdo que, pode-se dizer, tem propensão para a ação e para o desejo de justiça e que, mesmo vendo

seu sonho de igualdade social fracassar, considera o momento em que procurou efetivar esse ideal como o mais significativo de sua vida.

No caso de Eulálio, cabe lembrar a semelhança com D. Casmurro, pois, tanto Matilde quanto Capitu são construídas pelos maridos como mulheres fortes e extrovertidas, em visível contraste com o recato e a pouca virilidade dos protagonistas, sem falar do principal – os ciúmes de ambos em relação às respectivas esposas. Destaque-se ainda a personalidade decidida das mães dessas duas personagens – Bento Santiago e Eulálio – que funcionam como incremento à debilidade dos filhos.

Walter, por sua vez, tem como par Paulo Honório e, de certa forma, também João Romão, que, em consonância com o livro de tese que lhe dá abrigo, tende à configuração caricatural. O traço peculiar que os identifica, a ambição, leva-os à realização de sua vontade pelas circunstâncias oferecidas pelo contexto social e histórico reconstruídos nos respectivos romances. No caso de *O cortiço*, é o início da modernização sócioeconômica do Rio de Janeiro que permite ao português explorar trabalhadores braçais. O surto de capitalismo vivido pelo país nos anos 1930 alavanca o desejo de Paulo Honório de ser latifundiário do mesmo modo que a crise advinda com a revolução de 30 – para aqueles que pertenciam a posições políticas opostas aos vencedores – contribui fortemente para a derrocada econômica que acompanha a desintegração do dinamismo pessoal provocada pelo suicídio da mulher.

Em Paulo Honório, a incapacidade de perceber o outro e de respeitá-lo, a cegueira social e conjugal, é claramente atribuída à rudeza da vida “agreste”, o que pode ser creditado ao fato de ser filho abandonado e de ter tido uma infância bastante precária. Apesar disso, como mostra Antonio Candido (1969) com a lucidez de sempre, em “Ficção e confissão”, na construção da identidade de Paulo Honório centrada no monolito da ambição – configurada no desejo de ascensão por meio da posse de São Bernardo – são apontadas fissuras como o fato de apaixonar-se por Madalena e realizar um casamento por amor. Tal constituição identitária que contém brechas como essas, permite-lhe, após o suicídio da mulher, a conscientização de seu modo de ser, da precariedade de sua vida afetiva e ensina-lhe o autoconhecimento, assegurando assim a coerência do romance.

Na elaboração da identidade de Walter Ramalho, de um lado, não se anuncia qualquer tipo de trauma infantil, a despeito da morte prematura da mãe; pelo contrário, contou com um pai extremamente dedicado. De outro lado, o protagonista de *Heranças* aproxima-se de João Romão pelo assassinato cometido, mas, perto da morte, tenta reparar o crime deixando a herança para o ex-namorado da irmã.

A maneira de cada um apresentar sua autobiografia é espelho de seus traços identitários: o protagonista de *Heranças* traz informações claras e ordenadas e faz questão de ressaltar, várias vezes, que escreve no computador. Isso quer dizer que narra da mesma maneira como ascende: com premeditação, tenacidade e ordem. Além disso, trata-se de personagem incapaz de construir laços pessoais verdadeiros, de forma que a impessoalidade do computador e a escrita sem destinatário diegético casam-se muito bem com seu modo de ser.

Eulálio narra episódios de sua vida e de sua família de forma atabalhoada, fragmentária, sem ordem cronológica e, principalmente, desdizendo-se em algumas passagens, o que condiz com sua ingenuidade e incapacidade de percepção clara de si mesmo e do que ocorre a sua volta. Já a autobiografia de Valdo espelha o sonho interrompido, parte fundamental da identidade na juventude – que quase desaparece, mas não acaba – ao acompanhar a condição do subgênero em que pretende ser escrita: mais enxuta como se espera de uma carta em comparação com um romance e em ordem cronológica, sem muitos rodeios.

Todavia, interessa-nos, como supomos ter demonstrado, a interrelação entre esses modos de ser e o contexto histórico e social construído nos romances. Em primeiro lugar, vale

notar que as condições sócio-históricas recriadas nas narrativas são relativamente próximas no tempo e, num certo sentido, ocorrem em um mesmo espaço – o Rio de Janeiro. A decadência da família de Eulálio e sua própria derrocada iniciam-se nos anos trinta, quando Valdo decide ir à capital da República para tornar-se um quadro do PCB e livrar o país das desigualdades sociais e das humilhações daí decorrentes. Nessa época, o pai de Walter Ferreira Ramalho estabelece a loja de armarinhos em Belo Horizonte, origem da futura empresa de construção civil do filho que, tendo posteriormente enriquecido muito com o mercado de ações, passa os últimos anos no Rio de Janeiro.

O mais importante, todavia, é como se dá a relação entre tais condições sócio-históricas e a formação identitária das personagens. Walter aproveita todas as mudanças na vida econômica brasileira como as facilidades para a construção civil e a atividade imobiliária durante a ditadura para realizar o desejo de ascensão, derivado do traço de identidade básico: a ambição.

Valdo – que tem um ideal como norte – é despertado para a realização de seus sonhos de mitigar a profunda desigualdade social pelas possibilidades oferecidas pela crescente (ainda que clandestina) atividade do PCB nos anos 30 do século passado. As muitas dificuldades de acesso ao grande líder do Partido não o fazem desanimar; é o fato de Astrojildo não mais pertencer à cúpula do partido que o decepciona.

Eulálio, incapaz, ingênuo e frágil, não consegue evitar para si próprio e para a família, o começo da decadência – finais dos anos 1920, início dos anos 30, com o *crack* da bolsa de Nova York, dificuldades para a exportação do café e mudanças no governo – que será, no futuro, total. Nesse mesmo mundo, Valdo tenta realizar seus objetivos humanitários.

Temos, portanto, pelo exposto, três tipos humanos representados por três personagens, construídos por meio de uma figuração literária que os coloca em determinada representação da vida do país, em que se veem compelidos a estabelecer certas relações sociais. O vínculo entre a elaboração identitária desses protagonistas e a recriação do contexto sócio-histórico suscita algumas questões para a reflexão do leitor, principalmente, a dos nexos entre concepções de mundo, valores éticos, culturais e comportamentais – enfim a práxis social proveniente de traços identitários – e as circunstâncias políticas, sociais e econômicas representadas, no que tange à nossa tradição de feitura de autobiografia ficcional.

Referências

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. (Obras escolhidas, 1).
- BUARQUE, C. **Leite derramado**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- CANDIDO, A. Ficção e confissão. In: _____. RAMOS, G. **São Bernardo**. 10. ed. São Paulo: Martins, 1969. p. 9-59.
- CARDOSO, F. H. **Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1972.
- CASTELLO, J. **Ribamar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1996.

HELLER, A. Experiência cotidiana e filosofia. In: _____. **A filosofia radical**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 57-110.

KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. **Os sofrimentos do “homem burguês”**. São Paulo: SENAC, 2000.

LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. Autobiografia de personagem de ficção. In: _____. **Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil**. São Carlos: EdUFSCAR, 2012a. p. 143-163.

_____. Refiguração do tempo histórico pela ficção. In: _____. **Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil**. São Carlos: EdUFSCAR, 2012b. p. 125-142.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP/FACAMP, 2009.

MIRAUX, J-Ph. **L'autobiographie: écriture de soi et sincérité**. 3. ed. Paris: Armand Colin, 2009.

PLUMMER, K. Identidade. In: BOTTOMORE, T. et al. (Org.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Tradução de Álvaro Cabral e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 369-371.

QUEIROZ JÚNIOR, T. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

RIBEIRO, E. T. **Olho de rei**: romance. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTIAGO, S. **Heranças**: romance. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SCLIAR, M. **Eu vos abraço, Milhões**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SOMBART, W. O homem econômico moderno. In: IANNI, O. **Teorias de estratificação social: leituras de sociologia**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1973. p. 311-330.